

BLANC, Jacob; FREITAS, Frederico. Big Water: The Making of Borderlands Between Brazil, Argentina and Paraguay

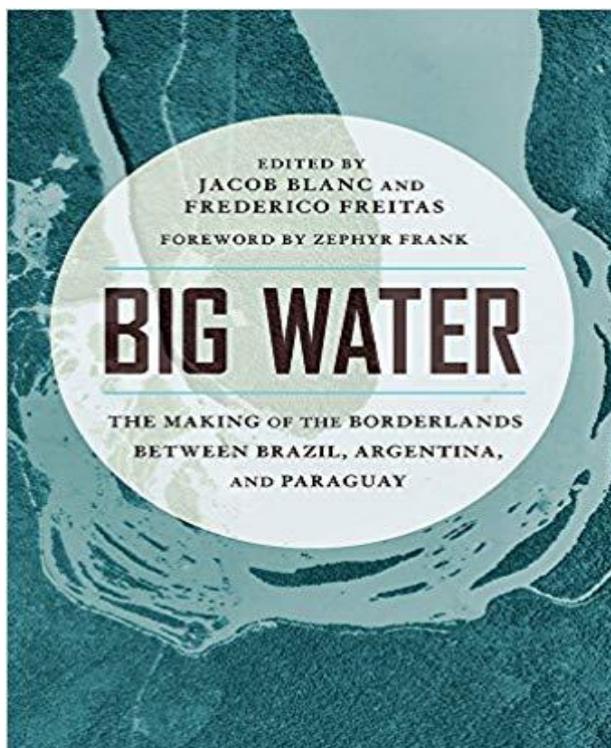
<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i3.43873>

Micael Alvino Silva

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Brasil. E-mail:
micaelxp@gmail.com

Resenha recebida em: 26/07/2018 **Aprovada em:** 01/10/2018

BLANC, Jacob; FREITAS, Frederico. *Big Water: The Making of Borderlands Between Brazil, Argentina and Paraguay*. Chicago: University of Arizona Press, 2018.



Big Water é um livro da estante dos *Latin American Studies* (DELPAR, 2008). Mais que isso, pretende definir os estudos sobre a tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai como um “novo campo de estudos históricos” (p. 9). Trata-se de um livro coletivo, organizado por Jacob Blanc (Universidade de Edimburgo) e Frederico Freitas (Universidade da Carolina do Norte), sobre “uma das áreas mais dinâmicas e menos estudada” da América Latina (p. 6).

Os artigos respeitam um recorte espacial que vai de 1600 a 2000. Logo no prefácio, Frank Zephyr (Universidade de Stanford), sintetiza que a mesma Tríplice Fronteira hoje, “povoada com colonos, em grande parte desmatada, seus rios atrás de altas barragens, parte de uma zona econômica transnacional (Mercosul)”, é também

“lar para parques nacionais e entrecruzada por rodovias e pontes e permanece também um lugar de memória histórica e alteridade contemporânea nos caminhos nômades dos Guaranis” (p. ix).

Considerando a região como “uma das mais importantes regiões fronteiriças, e historicamente dinâmica, das Américas” (p. 4), o livro possui dez artigos, divididos em quatro partes. Cada parte representa uma ideia: I – Adaptação; II – Meio ambiente; III – Pertencimento; e IV – Desenvolvimento.

A Parte I trata da adaptação dos nativos aos novos modos de vida nas fronteiras coloniais dos impérios de Portugal e Espanha nas Américas. Shawn Michael Austin escreveu sobre as “Fronteiras incorporadas” no espaço colonial do Guairá (1570-1630). Em outro artigo, Guillermo Wilde analisou as “Missões Jesuíticas e a Etnogênese Guarani”, com o subtítulo “Interações Políticas, Atores Indígenas e Redes Regionais na Fronteira Sul dos Impérios Ibéricos”.

O título da Parte II (meio ambiente) reflete as mudanças na paisagem ambiental, a partir de uma *environmental history*. Neste sentido, Eunice Sueli Nodari analisou a transformação nas paisagens da província argentina de Misiones. A autora argumentou que o processo de colonização por teuto-brasileiros foi semelhante ao que ocorreu em todo o sul do Brasil, a partir das iniciativas dos Estados e das Companhias Colonizadoras. Em outro artigo, Frederico Freitas analisou

especificamente o contexto de conservação e colonização no qual se insere os projetos de Parques Nacionais na região do rio Iguazu, com foco no parque argentino. Para o autor, o Parque Nacional do *Iguazu* “oferece o mais extremo caso do uso da política de parque nacional para objetivos de colonização da fronteira” (p. 106).

Enquanto a Parte II tratou um período entre o século XIX e meados do século XX, a Parte III (pertencimento) se refere a um tema com uma passagem temporal mais transversal. Em três artigos, os autores analisam como os Estado-Nação incluíram os nativos na narrativa oficial de pertencimento. Michael Kenneth Huner analisou um aspecto da soberania pós-colonial nas terras fronteiriças na “Era Lopez”, no Paraguai. O diálogo mais conectado com a proposta do livro ficou por conta das análises de Darlye Williams e Evaldo Mendes da Silva. Enquanto Williams analisou “as missões jesuítico-guarani, patrimônio mundial e outras histórias de patrimônio cultural” no contexto do Mercosul, Silva contemporizou trazendo à tona a cena dos índios Guaranis circulando na Tríplice Fronteira no presente.

Por fim, e não menos importante, os três artigos da Parte IV versam sobre a característica mais marcante para a região desde o século XX: o desenvolvimento. Nesta altura do livro, o leitor já percebeu que as iniciativas de desenvolvimento mediante intervenção do Estado começaram no fim do século XIX, com a experiência da Colônia Militar no Brasil e avançou em 1930 com os Parques Nacionais, na

Argentina e no Brasil. A partir da década de 1950, a intervenção estatal cresceu exponencialmente com Itaipu e demais obras de infraestrutura, principalmente no eixo Brasil-Paraguai. Considerando este contexto, Jacob Blanc escreveu sobre a “fronteira turbulenta” tratando da geopolítica e do desenvolvimento hidroelétrico do rio Paraná. Bridget María Chesterton, por sua vez, destacou como a geografia e a identidade paraguaia mudaram o rumo desde os *porteños* (referente ao porto de Buenos Aires) para os *ponteiros* (referente à Ponte da Amizade).

O último artigo da Parte IV é de autoria de Christine Folch, que analisou as questões relacionadas a dois modelos de integração econômica presente na Tríplice Fronteira. Em sua análise, Cidade do Leste, que é a capital financeira do Paraguai hoje, paradoxalmente representa um modelo de integração binacional e o Mercosul um modelo supranacional. Em um insight inovador, apresentou uma possível conexão entre o projeto de Itaipu Binacional e a Comissão do Carvão e Aço – o germe da União Europeia (p. 268).

Em geral, os organizadores de *Big Water* propõem e entregam uma contribuição singular para o estudo e a contextualização da tríplice fronteira. O livro explora a noção de que “a região tem sido fundamental para o desenvolvimento não apenas de cada nação, mas do Cone Sul” (p. 6). Trata-se de uma assertiva que não está presente nas abordagens de historiadores ou internacionalistas que

analisam o Cone Sul (CERVO e RAPOPORT, 1998). Neste sentido, acertadamente se assinala que a tríplice fronteira “permanece na periferia das histórias nacionais” (p. 7).

Jacob Blanc e Frederico Freitas estão corretos na assertiva, pelo menos no que se refere à historiografia brasileira das Américas. Autointitulada História da América, os estudos históricos se concentram em torno do lugar do Brasil em relação à América Latina. Para ficar em um exemplo, a tendência nacionalista é identificada nos temas das teses de doutorado. De 1987 a 2011, 85% foram das pesquisas de doutorado em História da América foram dedicadas ao período pós-independências, com uma ausência de discussões sobre fronteiras (PRADO, 2012). Portanto, em língua portuguesa *Big Water* inova ao propor um diálogo historiográfico transnacional com um campo das *borderland history*, inédito para os historiadores brasileiros.

Com o propósito de posicionar a tríplice fronteira como uma “fronteira histórica” (p. 8), o recorte temporal proposto por Blanc e Freitas coincide com uma análise publicada logo após a conclusão de uma pesquisa histórica sobre a região na década de 1940 (SILVA, 2015). Na ocasião, a partir dos percalços enfrentados, se concluiu que seria desejável estudos sobre a história da Tríplice Fronteira a partir de três eixos: o período colonial e a presença indígena; o século XIX e a exploração da erva-mate e da madeira; o período contemporâneo a partir da segunda metade do século XX. Em *Big Water*, a

periodicidade proposta é semelhante, porém melhor delimitada: Jesuítas e Guaranis no passado colonial; demarcação oficial com independências nacionais; Projetos nacionais anos 1930 (Parques Nacionais); planos estatais de desenvolvimento após 1950.

No que se refere ao recorte espacial (que foi muito bem apresentado nos excelentes mapas que compõem o livro), a *borderland* da tríplice fronteira foi estabelecida como uma área grande, de aproximadamente 500 mil quilômetros quadrados (equivalente a atual Espanha). Inclui desde Assunção, passando por todo o território de Misiones, parte do Paraná, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, até o Rio Grande do Sul. Certamente este recorte diminui à proporção em que se aproxima do presente, mas é absolutamente necessário para compreender, por exemplo, o contexto colonial.

Se *Big Water* vai “definir estudos da TF como um novo campo de estudos históricos” (p. 9) no interior dos *Latin American Studies*, somente o tempo dirá. O que de antemão já se sabe é que o esforço coletivo dos autores eleva o debate acadêmico e, definitivamente, promove a compreensão da tríplice fronteira como uma região histórica de fronteira. Portanto, a importância, o pioneirismo e a qualidade do livro que chega a público deixa poucas margens para comentários críticos. Destacam-se apenas duas situações que, em hipótese alguma, comprometem a relevância do texto.

A primeira situação é a excessiva

preocupação com o tempo presente. É compreensível a intensão dos organizadores em demarcar o *approach* da História, em contraste com outros trabalhos acadêmicos por eles denominados na introdução (em nota de rodapé) como uma abordagem exclusivamente antropológica, sociológica e com foco no presente (BÉLIVEAU e MONTENEGRO, 2010). Este seria, portanto, o diferencial do livro: abordagem histórica e foco no passado. Não parece que esta discussão, presente nos estudos sobre a história política nos anos 1990 e 2000 (REMOND, 2009), seja algo tão relevante hoje. Um exemplo pode ser buscado no já mencionado capítulo Christine Folch. Sua área majoritária de atuação, a Antropologia Cultural, não ofuscou o brilhantismo (talvez realçado pelo ineditismo) de seu artigo sobre um tema absolutamente presente: Cidade do Leste e Mercosul. Como indicam diversos artigos a tríplice fronteira no contexto das relações internacionais, se está diante de um tema de natureza interdisciplinar.

A segunda situação diz respeito ao caráter eminentemente transnacional dos estudos sobre a tríplice fronteira. A começar pelo fato implícito de que se trata, no mínimo, de compreender três países distintos, que se comunicam em dois idiomas (português e espanhol), além do necessário idioma inglês. Sobre este aspecto, os autores de *Big Water* utilizam acertadamente referências aos três idiomas que sugerem contato com produções diversificadas e conhecimento de historiografias

além da norte-americana. Há uma única exceção. O artigo de Michael Kenneth Huner parece dedicado exclusivamente a um tema importante, mas localizado na história política do Paraguai. Além de não evidenciar a conexão com a tríplice fronteira como um todo, há a ausência de referência em português. Por fim, seria desejável que alguma editora brasileira e/ou argentina traduzisse o livro para o público de seus respectivos países.

Referências

BÉLIVEAU, V. G.; MONTENEGRO, S. *La Triple Frontera: Dinámicas culturales y procesos transnacionales*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010.

CERVO, A. L.; RAPOPORT, M. *História do Cone Sul*. Brasília: EDUNB, 1998.

DELPAR, H. *Looking South: The Evolution of Latin Americanist Scholarship in the United States, 1850–1975*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2008.

PRADO, L. F. *Itinerários acadêmicos da História da América no Brasil*. Goiânia: Kelps, 2012.

REMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: EDFGV, 2009.

SILVA, M. A. D. A ocupação do espaço brasileiro da Tríplice Fronteira. In: PRIORI, A.; BERTONHA, J. F. *Imigração e colonização no Paraná e em São Paulo entre os séculos XIX e XX*. Guarapuava: EDUNICENTRO, 2015.